

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDREIA DANIELE SONTAK

“EDUCAR E CUIDAR” E “BRINCAR” NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS: ANÁLISE DOS TEMAS A PARTIR DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NA REVISTA *ZERO A SEIS/UFSC* ENTRE OS ANOS DE 2005 A 2015

CURITIBA

2016

ANDREIA DANIELE SONTAK

“EDUCAR E CUIDAR” E “BRINCAR” NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS: ANÁLISE DOS TEMAS A PARTIR DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NA REVISTA ZERO A SEIS/UFSC ENTRE OS ANOS DE 2005 A 2015

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Professora Orientadora: Profa. Dra. Leziany Silveira Daniel

CURITIBA

2016

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos refletindo sobre todo este caminho, e pensando em seu início, agradeço em primeiro lugar a minha mãe, mulher forte e batalhadora, que sempre me mostrou que não existe vitória sem trabalho e dedicação, que as coisas mais difíceis a se conquistar na vida, também serão aquelas das quais teremos mais orgulho. Em todos os momentos em que desistir parecia o mais conveniente - Sim, eu pensei eu desistir! - me lembrei de suas lágrimas emocionadas quando lhe dei a notícia de minha aprovação no vestibular desta Universidade Federal do Paraná. “Eu não pude pagar pelo seu estudo” ela disse, “eu jamais me perdoaria se você não tivesse essa oportunidade na vida!”. Agora encho os pulmões e digo: Obrigada mãe, também por você, eu cheguei até aqui!

Agradeço ao meu companheiro de vida Jaderson, obrigada por toda a ajuda, pelos conselhos, por entender a importância dos estágios para minha formação, pelas leituras dos meus muitos trabalhos acadêmicos e pelas correções no uso da crase... e alguns outros erros que você identificava. Obrigada por acreditar nos meus sonhos, por apoiar meus projetos e por tantas vezes pensar no meu bem em detrimento do seu. Nunca na vida irei esquecer tudo o que fez por mim. Obrigada, amo você!

A minha família que nunca deixou de acreditar em meu potencial, e que se orgulha das minhas conquistas. Família, essas conquistas são nossas!

Obrigada a Universidade Federal do Paraná e a todos os professores com quem tive o privilégio de conviver e aprender. Com a ajuda de vocês me tornei uma pessoa mais crítica e consciente. Descobri o fantástico mundo da educação e o universo infantil, e posso concluir que não me vejo atuando em outra área.

Agradeço também a UFPR pelas grandes amizades que fiz, pude conhecer pessoas com as mais diversas histórias de vida, que ali estavam, como eu, atrás de melhores oportunidades, em busca de um futuro melhor. Obrigada UFPR em especial pelos três presentes chamados Stefany, Luisa e Thais! Meninas, admiro cada uma de vocês, e não foram poucas as vezes que me espelhei em vocês para me tornar uma pessoa e profissional melhor. A

Vida e as circunstâncias podem mudar, mas o que vivemos e construímos juntas nunca será alterado. Obrigada! Amo vocês!

Agradeço a minha orientadora, Profa. Leziany, pelos conselhos, por clarear minhas ideias, por me dar um direcionamento, por respeitar meus momentos pouco produtivos, e por cobrar nas horas certas. Este trabalho é nosso.

Deixei por último o mais importante: Obrigada Deus, por tornar possível todos os meus sonhos, por atender meus pedidos, por me guiar no caminho certo, por dar forças quando desistir foi uma opção, por colocar ao meu lado pessoas que somaram em minha vida, e que contribuíram com minha formação.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso trata da Educação Infantil de 0 a 3 anos de idade, refletindo principalmente sobre os temas educar / cuidar e brincar. Problematisa o atendimento assistencial oferecido nas creches e instituições de educação infantil para as crianças pequenas e a baixa produção acadêmica voltada para esta faixa etária da Educação Infantil. Para tanto, analisa os artigos publicados na revista *Zero a Seis* da Universidade Federal de Santa Catarina entre os anos de 2005 a 2015, com o objetivo de analisar e problematizar as produções acadêmicas acerca desta faixa etária, em especial, à relação educar e cuidar e o brincar. Esta revista de publicação semestral do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC, que tem como objetivo precípuo a divulgação da produção acadêmica sobre Educação Infantil, visando à ampliação do conhecimento das temáticas e das discussões no campo educacional e a socialização das pesquisas produzidas tanto no Brasil quanto no exterior foi fonte principal de análise. No primeiro capítulo faz-se uma reflexão sobre o atendimento oferecido em creches e instituições de Educação Infantil para crianças de 0 a 3 anos de idade, principalmente problematizando a importância de se compreender as relações do educar e cuidar como indissociáveis durante toda a Educação Infantil, bem como o brincar. No segundo capítulo traz-se o que os documentos oficiais nacionais e municipais trazem de especificidade para as crianças de 0 até 3 anos de idade, e como abordam as relações do educar e cuidar e do brincar. No último capítulo são analisadas as publicações da revista *Zero a Seis* da UFSC entre os anos de 2005 a 2015, verificando em específico se e como aparecem o educar e cuidar e o brincar nestes artigos. Como principais conclusões estão que mesmo como um tema que tem tido crescimento na área acadêmica, as pesquisas voltadas para a Educação Infantil de 0 a 3 anos ainda se mostram tímidas.

Palavras - Chave: Educação Infantil; faixa etária de 0 a 3 anos de idade; Educar e cuidar; Brincar; Creche; Produção acadêmica.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Artigos publicados na Revista *Zero a Seis* entre os anos de 2005 a 2015 11

Quadro 2: Artigos publicados na Revista *Zero a Seis/UFSC* entre os anos de 2005 a 2015,tendo em sua temática a Educação Infantil de 0 a 3 anos de idade..... 29

Quadro 3: Critérios de análise estabelecidos durante a leitura dos oito artigos que envolviam a temática da Educação Infantil de 0 a 3 anos de idade. 42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS DE IDADE: ALGUMAS ANÁLISES	12
2.1 As creches e o atendimento às crianças de 0 a 3 anos de idade no Brasil: breve histórico	12
2.2. O que trazem as produções acadêmicas nacionais sobre crianças de 0 a 3 anos de idade?	14
3. CAPÍTULO II: A EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS DE IDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS – NACIONAIS E MUNICIPAIS	17
3.1 A lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBN nº 9.394 de 1996).17	
3.2 Referencial curricular nacional para educação infantil, de 1998	18
3.3 Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil, de 2010	23
3.4 Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil de Curitiba de 2006.....	24
4. CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA CIENTÍFICA ZERO A SEIS/UFSC ENTRE OS ANOS DE 2005 A 2015	28
4.1 Os oito artigos que envolvem a temática da Educação Infantil de 0 a 3 anos de idade.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45

1. INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, na seção em que versa sobre a Educação Infantil, traz que a mesma se destina a crianças de 0 a 5 anos de idade e que deve ser oferecida em creches ou entidades equivalentes para crianças de até 3 anos de idade ou em pré-escolas para crianças de 4 e 5 anos de idade.

Essa separação por faixa etária acabou gerando, por vezes, uma interpretação limitada do atendimento prestado às crianças de 0 a 3 anos de idade, no qual a ação do cuidar seria a única e essencial prática para esta faixa etária, e já com crianças de 4 e 5 anos estariam voltadas mais práticas consideradas educativas e pré-escolares, deixando o cuidar em segundo plano. Pode-se dizer, assim, que aí está intrínseca a visão assistencialista da educação infantil voltada para a faixa etária de 0 a 3 anos de idade.

Segundo Cerisara (1999), com o surgimento das creches surgem também duas formas distintas de atendimento às crianças: o assistencial e também o educativo. Enquanto o assistencial se preocupava com o cuidado, o educativo se preocupava com a educação pré-escolar, trazendo conteúdos do ensino fundamental para a creche. Nesta dicotomia entre cuidar e educar, ficava evidenciada a desvalorização das atividades ligadas ao cuidado do corpo, higiene, alimentação e descanso em relação às atividades ligadas ao ensino pré-escolar.

É necessário, desta forma, romper com esta interpretação, na qual a educação infantil mostra-se dividida entre: práticas para crianças pequenas de 0 a 3 anos de idade, e práticas para crianças da pré-escola de 4 e 5 anos de idade, e passar a compreender o cuidar e o educar como atividades indissociáveis durante toda a educação infantil, respeitando, claro, as especificidades de cada faixa etária. As crianças de 0 a 3 anos precisam, além de receber cuidados relacionados a hábitos de higiene e alimentação, receber estímulos e orientações para o desenvolvimento de todas as capacidades infantis. Da mesma forma, as crianças de 4 a 5 anos precisam e tem o direito de receber cuidados relacionados ao seu bem estar físico. A esse respeito, o

Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil de 1998 já traz indicado o significado do educar:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser, e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito, confiança, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, RCNEI,1998, vol. I p.23).

Ou seja, educar na educação infantil envolve cuidado, brincadeira e aprendizagens, não há indicação de se trabalhar de forma fragmentada estas ações, levando em consideração a faixa etária das crianças.

Foi no interior desta discussão que o meu tema de pesquisa surgiu aliado às minhas experiências profissionais e pessoais com crianças de 2 e 3 anos de idade. Nesse percurso profissional, foi se tornando frustrante sentir um pré-conceito por parte da sociedade em geral quando eu dizia que era professora de bebês. “Você mesma que troca as fraldas”, já me perguntaram, ou “O que eles fazem durante a tarde, mexem com tinta?”, “Você dá comida na boca deles?”, eram algumas das perguntas que eu não ouvira quando dizia que a faixa etária com que trabalhava era de 4 e 5 anos. Sim eu faço tudo isso, e muito mais com as crianças durante o período em que ficam na pré-escola, pois todas as minhas ações são planejadas e tem uma intencionalidade que contribuem para seu desenvolvimento! Foi ficando evidente a desvalorização que esta faixa etária recebe, como se as atividades voltadas para os hábitos de higiene, sono, cuidado com o corpo fossem menos importantes que as ditas “pedagógicas”. Como nos traz Cerisara (1999, p. 13):

Nesta dicotomização, as atividades ligadas ao corpo, à higiene, alimentação, sono das crianças eram desvalorizadas e diferenciadas das atividades consideradas pedagógicas, estas sim entendidas como sérias e merecedoras de atenção e valor.

Com base na problemática acima apontada e procurando perceber como a área da Educação Infantil vem discutindo o trabalho com crianças de 0 a 3 anos, este trabalho pretende abordar a produção acadêmica acerca desta faixa etária da educação infantil, mediante análise dos artigos publicados na revista

científica da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada *Zero a Seis*, entre os anos de 2005 a 2015. Trata-se de uma revista de publicação semestral do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC, que tem como objetivo precípua a divulgação da produção acadêmica sobre Educação Infantil, visando à ampliação do conhecimento das temáticas e das discussões no campo educacional e a socialização das pesquisas produzidas tanto no Brasil quanto no exterior.¹

Entendo que ocorreram avanços na área, mas percebo ainda que esta faixa etária apresenta poucos estudos específicos, em especial, no Brasil. Questiono: ***Houve crescimento nas produções e pesquisas para essa faixa etária? As ações do educar e cuidar são entendidas e tratadas como indissociáveis? Como aparece entendido o ato do brincar?*** Analiso o que os artigos publicados na revista *Zero a Seis* da UFSC trouxeram acerca de estudos da faixa etária de 0 a 3 anos, durante os anos de 2005 a 2015, bem como identifico se houve algum aumento nas pesquisas voltadas para esta faixa etária durante estes anos.

Reflito também, a respeito do que trazem os documentos oficiais como os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010), as Diretrizes Curriculares Municipais de Curitiba para Educação Infantil (2006), e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 no que tange a educação infantil de 0 a 3 anos de idade, bem como sobre a relação do educar e cuidar.

Quanto à metodologia utilizada, o trabalho se constitui mediante pesquisa bibliográfica e de análise documental, assumindo características qualitativas, e também quantitativas. Faz-se um levantamento sobre a quantidade de artigos publicados acerca da temática de 0 a 3 anos na revista intitulada *Zero a Seis*. Esta revista publicada pela UFSC, assim, é a fonte principal desta pesquisa. Para a escolha desta revista considerei seu reconhecimento nacional na área de pesquisas em educação infantil, e o fato de ser possível acessar todas as suas edições online.

¹ Para mais informações sobre a revista acessar o site: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/index>.

Durante o período de levantamento de dados inicial, elaborei o quadro abaixo, com a quantidade de artigos publicados por ano, e destes quantos envolviam a temática Educação infantil 0 a 3 anos:

Quadro 1: Artigos publicados na Revista *Zero a Seis* entre os anos de 2005 a 2015

ANO	PERÍODO	TOTAL ARTIGOS PUBLICADOS	ARTIGOS COM O TEMA 0 A 3 ANOS
2005	JAN A JUN	3	0
2005	JUL A DEZ	3	0
2006	JAN A JUN	2	0
2006	JUL A DEZ	2	0
2007	JAN A JUN	2	0
2007	JUL A DEZ	3	1
2008	JAN A JUN	6	0
2008	JUL A DEZ	6	0
2009	JAN A JUN	5	1
2009	JUL A DEZ	3	1
2010	JAN A JUN	3	0
2010	JUL A DEZ	2	0
2011	JAN A JUN	3	0
2011	JUL A DEZ	3	0
2012	JAN A JUN	4	0
2012	JUL A DEZ	2	0
2013	JAN A JUN	7	0
2013	JUL A DEZ	7	3
2014	JAN A JUN	8	0
2014	JUL A DEZ	8	2
2015	JAN A JUN	8	0
2015	JUL A DEZ	8	0
		TOTAL: 98	TOTAL: 8

Fonte: Quadro construído pela autora, a partir da leitura dos artigos da revista.

Olhando inicialmente os números do quadro 1 é possível identificar a pequena quantidade de pesquisas com o foco na educação infantil de 0 a 3 anos de idade, se comparado ao total de artigos publicados por ano.

No decorrer deste trabalho analisarei o que trazem os documentos oficiais nacionais e municipais no que tange à educação infantil de 0 a 3 anos de idade, bem como voltarei meu olhar para o que as publicações científicas com a temática da educação infantil de 0 a 3 anos de idade trazem a respeito do cuidar, educar e brincar. Se trazem luz discussões a este respeito, e se problematizam o atendimento assistencial atribuído as creches, além da análise específica aos artigos publicados na revista Zero a Seis da UFSC.

2. CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS DE IDADE: ALGUMAS ANÁLISES

2.1 As creches e o atendimento às crianças de 0 a 3 anos de idade no Brasil: breve histórico

O atendimento institucional voltado para as crianças pequenas no Brasil surge com as creches, na virada dos séculos XIX e XX, que tinham como principal finalidade cuidar das crianças pobres, enquanto as mães trabalhavam, seja em indústrias ou como empregadas domésticas. Segundo Oliveira (1992), a palavra creche vem do francês *crèche*, e significava manjedoura, ou seja, seu significado tem referências cristãs ligadas a um local que servia para abrigar um bebê necessitado. Refletindo sobre a função inicial dada as creches, Schmitt (2008) aponta que:

a creche aparece como uma outra forma de contato social, não para todas as crianças, apenas para aquelas que, por condições adversas, não podiam contar com uma família nuclear modelo, que o pai provesse financeiramente e a mãe fosse responsável pelo lar. Como *mal necessário* (VIEIRA, 1986), esse espaço era uma forma de substituir as mães, trabalhadoras, operárias, viúvas, solteiras, sem as condições necessárias para assumirem seu papel. Era também um espaço assistencial, de normatização moral. (p. 31.)

Essa função ora atribuída à creche de “substituir as mães” ou o ambiente familiar caracterizou a visão assistencialista dada à educação infantil, mais especificamente o atendimento oferecido às crianças nestas creches.

Assistencialismo, como o próprio nome já sugere, se caracteriza pelo ato de dar assistência a algo ou alguém e, no caso do atendimento as crianças, se resume a cuidar, sem se preocupar com situações de aprendizagem e com o

planejamento e a intencionalidade destas, que são o que diferenciam as ações educativas de todas as outras.

A creche carrega até os dias de hoje um estigma devido a suas origens assistencialistas. Segundo Fonseca e Veríssimo (2002, p. 31):

a conotação pejorativa resulta de uma realidade concreta em que a forma mais difundida sobre essa proposta de atendimento infantil baseia-se numa postura assistencialista, caritativa, visando à população mais desfavorecida socialmente, centrada na guarda ou abrigo da criança e nas atividades de saúde, higiene e alimentação.

Ainda estamos no caminho para desvencilhar a creche do estigma do local onde as crianças vão receber cuidados voltados à saúde, à alimentação e à higiene, assumindo assim uma função assistencial somente, e compreendê-la como instituição educacional.

Durante as últimas décadas, em nosso país, foi possível evidenciar dois tipos de atendimentos educacionais prestados em creches e pré-escolas: o assistencialista e o educativo:

Nesta "falsa divisão" ficava implícita a ideia de que haveria uma forma de trabalho mais ligada às atividades de assistência à criança pequena, as quais era dado um caráter não-educativo, uma vez que traziam para as creches e pré-escolas as práticas sociais do modelo familiar *elou* hospitalar e, as outras, que trabalhavam numa suposta perspectiva educativa, em geral trazendo para as creches e pré-escolas o modelo de trabalho escolar das escolas de ensino fundamental. (CERISARA, 1999, p.12).

Após estudos, análises e pesquisas na área ficou evidente que ambas as práticas são indissociáveis, pois “enquanto cuidamos estamos educando”, “enquanto educamos estamos cuidando”. Este é um dos desafios da educação infantil nos dias de hoje, que segundo esta autora, necessita do avanço na compreensão dos atos de educar e cuidar como indissociáveis.

A partir da Constituição Federal de 1988, a Educação Infantil passa a ter um espaço mais significativo na educação brasileira, com um foco para o desenvolvimento e a aprendizagem infantil. O educar e o cuidar tornam-se os principais objetivos desta etapa da educação básica, assim como a brincadeira. Segundo Oliveira (1992, p. 22):

a própria constituição federal de 1988 reflete o movimento recente de repensar as funções sociais da creche. Ela reconhece a creche como

uma instituição educativa, “um direito da criança, uma opção da família e um dever do Estado”. Tal concepção opõe-se à visão tradicional da creche como uma dádiva, como um favor prestado à criança, no caso à criança pobre e com funções apenas assistencialistas e de substituição da família.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, na seção em que versa sobre a Educação Infantil traz que, a partir de uma mudança na lei ocorrida no ano de 2006, ela se destina a crianças de 0 a 5 anos de idade e que devem ser oferecidas em creches ou entidades equivalentes para crianças de até 3 anos de idade, e em pré-escolas para crianças de 4 a 5 anos de idade. Esta separação pode gerar uma interpretação errônea do atendimento prestado as crianças de 0 a 3 anos de idade, levando em consideração a já mencionada acima visão que a maior parte da sociedade tem sobre a função das creches, a assistencialista. Subentende-se que de 0 a 3 anos de idade as crianças devem ser cuidadas em creches, e que de 4 a 5 anos devem ser ensinadas e educadas, em pré-escolas. Crianças de 0 a 3 anos devem ser cuidadas e ensinadas durante toda a educação infantil tanto quanto as crianças de 4 a 5 anos, e as creches devem ser vistas e reconhecidas como ambientes que promovem o educar e o cuidar de maneira indissociável, e não priorizando o cuidar como entendia o assistencialismo.

Não existem duas modalidades de atuação na educação infantil, então, deve haver por parte dos profissionais que atuam com esta etapa da educação um conhecimento e um preparo para trabalhar de forma indissociável o cuidar e educar, respeitando sempre as especificidades de cada faixa etária. Acredito que o cuidar, o educar e também o brincar devem ser trabalhados de forma integrada durante toda a educação infantil.

2.2. O que trazem as produções acadêmicas nacionais sobre crianças de 0 a 3 anos de idade?

Antes de analisar o que as publicações da revista Zero a Seis/UFSC trazem a respeito da educação infantil de 0 a 3 anos, e se há uma preocupação com as relações do educar e cuidar, do brincar, e o fazer educativo na primeira infância, que vem a ser o objetivo geral deste trabalho, entendo que é

indispensável olhar o panorama atual das produções acadêmicas com esta mesma temática, e conhecer o que os principais autores e pesquisadores revelam de descobertas, contribuições e conclusões para esta faixa etária da educação infantil. Para isto se fez necessário pesquisar quem são as principais referências quando falamos em pesquisas de educação infantil de 0 a 3 anos de idade.

Como norte, em busca destas referências, recorri primeiramente a alguns dos autores estudados nas disciplinas “*Metodologia do Ensino da Educação Infantil*”, e “*Prática Pedagógica A – Estágio em Docência na Educação Infantil*” durante o curso de Pedagogia na UFPR, e em paralelo, algumas das referências presentes no artigo intitulado: “*Percurso e tendências da produção científica sobre crianças de 0 a 3 anos na ANPED*” de Buss-Simão, Gonçalves e Rocha (2015), que apresenta algumas das temáticas aqui estudadas, se diferenciando no objeto específico desta pesquisa, que serão os artigos publicados pela revista Zero a Seis da UFSC, entre os anos de 2005 a 2015.

Olhando para as referências estudadas durante as disciplinas do curso de Pedagogia acima citadas, tendo em vista o tema deste trabalho, o primeiro e um dos principais nomes que se destaca é o da atual coordenadora do curso de Pedagogia da UFPR e pesquisadora Ângela M. S. Coutinho. Entre suas produções acadêmicas e foco de investigação se destacam a sociologia da infância, a ação social dos bebês, (discutidos em sua tese de doutorado “*A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche*”, 2010), as ações do cuidar e educar como indissociáveis, (discutidos em sua dissertação de mestrado “*As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação*”, 2002), a preocupação com as vivências infantis no interior das creches, bem como a prática docente com bebês. De fato, esta autora vem se dedicando ao estudo desta faixa etária, e trazendo contribuições e reflexões importantes. Ela se torna um dos nomes obrigatórios a serem estudados, quando se procura pesquisar sobre os bebês.

Ainda dentro das disciplinas acima citadas, destacamos nomes como Luciana Ostetto (2000), e suas contribuições a cerca do planejamento na educação infantil, tendo enfoque às crianças de 0 a 3 anos de idade.

Ana Beatriz Cerisara (1999), já citada neste trabalho, referência quando o assunto é educar e cuidar de forma indissociável;

Rosinete Valdeci Schmitt, que em sua dissertação de mestrado (*“Mas eu não falo a língua deles!”: As relações sociais de bebês num contexto de educação infantil”, 2008*) discute as relações sociais entre bebês, bem como apresenta uma breve análise da produção científica sobre crianças de 0 a 3 anos de idade.

Já partindo para os autores apresentados no artigo: *“Percurso e tendências da produção científica sobre crianças de 0 a 3 anos na ANPED”* de Buss-Simão, Gonçalves e Rocha (2015), as autoras identificaram como principais referências se tratando de educação infantil de 0 a 3 anos de idade, enquanto analisaram os trabalhos apresentados nas reuniões da ANPED no período de 2003 a 2013 os seguintes nomes: Maurice Tardif, Bernadete Gatti, Ana Beatriz Cerisara, Maria Malta Campos, Sônia Kramer, Fúlvia Rosemberg, Ana Lúcia Goulart de Faria, Eloisa Rocha e Maria Carmen Silveira Barbosa.

Pode-se apontar, com este breve balanço, que embora as pesquisas na área da educação infantil tem crescido nos últimos anos, como um todo, as pesquisas abordando a faixa etária de 0 a 3 anos ainda é tímida. Contudo, mostra o esforço da área em mostrar as especificidades que se encontram no interior das pesquisas em educação infantil.

3. CAPÍTULO II: A EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS DE IDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS – NACIONAIS E MUNICIPAIS

Neste capítulo verifico o que os documentos oficiais nacionais e municipais de educação infantil trazem a respeito da educação infantil de 0 a 3 anos de idade. Busco olhar especificamente como são trazidas as ações do cuidar e educar, se estas são entendidas como indissociáveis durante o trabalho com esta faixa etária, e também como entendem o brincar e a brincadeira, e se reconhecem a importância destes para o desenvolvimento infantil.

3.1 A lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBN nº 9.394 de 1996)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional como o nome já sugere, regulamenta as diretrizes e as bases da organização da educação do Brasil. Voltaremos nosso olhar para o que a Lei traz sobre a educação infantil de 0 a 3 anos de idade.

A primeira menção a educação infantil aparece no artigo 4, Título III: Do direito à educação e do dever de educar, a lei traz que o dever do Estado com a educação escolar pública irá se dar com a garantia da educação básica obrigatória dos 4 aos 17 anos de idade, e de oferecer educação infantil gratuita até os cinco anos de idade, ou seja, dos 0 aos 3 anos de idade, não existe a obrigação legal do Estado de oferecer e garantir vagas e atendimento as crianças:

Art. 4 O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I – educação básica obrigatória e

gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental; c) ensino médio; II – educação infantil gratuita às crianças de até cinco anos de idade; (LDBEN, 1996, p.10).

Mais adiante, no Título V, artigo 21 a lei define qual são os níveis e modalidades do ensino, e que a educação infantil é um dos níveis que compõem a educação básica, juntamente com o ensino fundamental e médio.

No capítulo II deste mesmo Título V, mais especificamente os artigos 29, 30 e 31, versam sobre a educação infantil.

O artigo 29 traz que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, e que tem como finalidade: “*o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.*” (LDBN, 1996, p.21).

Já o artigo 30 traz os locais onde a educação infantil devera ser oferecida: “*I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas, para as crianças de quatro a cinco anos de idade.*”. O atendimento para crianças de até 3 anos de idade deverá então ser oferecido em creches ou locais equivalentes, como já estudamos no inicio deste trabalho o atendimento oferecido em creches do Brasil foi marcado pelo assistencialismo, onde eram priorizadas ações voltadas para o cuidado, alimentação e higiene das crianças pequenas em detrimento das tidas como educativas, estas oferecidas de forma compensatória para crianças maiores, de 4 e 5 anos de idade, na pré-escola.

Estes acima citados são os artigos que tratam da educação infantil e que mencionam a educação infantil de 0 a 3 anos de idade. Não trazem de forma clara à importância de se trabalhar as ações do cuidar e educar de forma integrada, nem da importância da brincadeira nesta etapa da educação básica. Apenas como vimos no artigo 29 que é finalidade da educação infantil o desenvolvimento integral da criança.

3.2 Referencial curricular nacional para educação infantil, de 1998

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI é formado por uma coleção composta por três volumes diferentes: Volume I Introdução; Volume II Formação Pessoal e Social e Volume III Conhecimento de Mundo. Foi lançado no ano de 1998 pelo Ministério da Educação, sua função, segundo traz o documento é:

contribuir com as políticas e programas de educação infantil, socializando informações, discussões e pesquisas, subsidiando o trabalho educativo de técnicos, professores e demais profissionais da educação infantil e apoiando os sistemas de ensino estaduais e municipais. (BRASIL, RCNEI, 1998, vol.I, p.13).

A partir desta primeira introdução ao documento, partimos para nossos objetivos de análise: como aparecem as orientações a cerca da educação infantil de 0 a 3 anos de idade? Como aparecem as ações do cuidar e do educar? Estas aparecem como indissociáveis? Como aparece o brincar?

No volume I do RCNEI intitulado “Introdução”, encontramos um breve histórico sobre a história das creches e pré-escolas no Brasil, no qual são trazidas informações que corroboram com as que já mencionei ainda na introdução deste trabalho: concepção de atendimento assistencialista dada às creches no Brasil.

A seguir defende que a elaboração de quaisquer propostas educacionais para educação infantil devem trazer fundamentos explícitos sobre a criança, o educar, o cuidar e a aprendizagem. Aborda a necessidade das instituições de educação infantil trabalharem de maneira integrada as funções do educar e do cuidar:

Nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de educação infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, não mais diferenciando nem hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas e/ou aqueles que trabalham com as maiores. (BRASIL, RCNEI, 1998.vol.I, p.23).

Adiante afirma como já mencionado na introdução deste trabalho, que educar envolve situações integradas de brincadeiras, cuidados e aprendizagens (BRASIL, RCNEI, 1998. Vol. I p.23). Aborda o cuidar como parte integrante da educação, e define:

Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados. (BRASIL, RCNEI, 1998, vol. I, p. 24)

Traz também as diferentes dimensões que o brincar pode assumir. A brincadeira é uma maneira de as crianças exteriorizarem os conhecimentos e as experiências que vivenciaram em seu meio social e familiar. Ao brincar as crianças tem a oportunidade de criar e recriar situações outrora vividas por elas, tendo a consciência que não são a realidade, mas uma forma de representa-la, de fazer de conta.

Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. Por exemplo, para assumir um determinado papel numa brincadeira, a criança deve conhecer alguma de suas características. Seus conhecimentos provêm da imitação de alguém ou de algo conhecido, de uma experiência vivida na família ou em outros ambientes, do relato de um colega ou de um adulto, de cenas assistidas na televisão, no cinema ou narradas em livros etc. A fonte de seus conhecimentos é múltipla, mas estes encontram-se, ainda, fragmentados. É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações. (BRASIL, RCNEI, vol. I, p. 28.)

Em outro tópico, intitulado “Organização do Referencial Curricular para Educação Infantil” o documento faz referência a LDB 9394/96 para justificar sua organização curricular por idade. Ou seja, a divisão do atendimento prestado a crianças de 0 a 3 anos em creches e de 4 e 5 anos em pré-escolas.

Em seguida, explica brevemente a organização em âmbitos e eixos: “Os âmbitos são compreendidos como domínios ou campos de ação que dão visibilidade aos eixos de trabalho educativo para que o professor possa organizar sua prática e refletir sobre a abrangência das experiências que propicia às crianças.” (BRASIL, RCNEI, vol. I, p. 45). Ou seja, o RCNEI é

primeiramente organizado por idades – 0 a 3 anos, e 4 e 5 anos – e posteriormente organizado por âmbitos e eixos.

O volume II deste mesmo Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil intitulado “Formação Pessoal e Social” tem como objetivo trazer aos professores da Educação Infantil o: “eixo de trabalho que favorece, prioritariamente, os processos de construção da Identidade e Autonomia das crianças.” (BRASIL, RCNEI, vol. II p. 9).

Em seu sumário o brincar aparece dentro do tópico *Aprendizagens*. Já crianças de 0 a 3 anos aparece no tópico *Objetivos*. O tópico seguinte chamado *Conteúdos* traz conteúdos a serem trabalhados com crianças de 0 a 3 anos de idade e conteúdos a serem trabalhados com crianças de 4 a 6 anos de idade. Vou então analisar cada um destes tópicos.

Com relação ao Brincar o documento enfatiza a importância deste para o desenvolvimento da autonomia e identidade das crianças, elenca algumas das importantes capacidades que as crianças podem desenvolver na brincadeira, como a imaginação, atenção, memória, imitação, e também o favorecimento do desenvolvimento de algumas capacidades relacionadas a socialização, que se dão por meio da interação e representação de algumas regras e papéis sociais.

A seguir, o documento traz o faz de conta como uma brincadeira onde é possível essa representação e experimentação das regras e papéis sociais.

No faz-de-conta, as crianças aprendem a agir em função da imagem de uma pessoa, de uma personagem, de um objeto e de situações que não estão imediatamente presentes e perceptíveis para elas no momento e que evocam emoções, sentimentos e significados vivenciados em outras circunstâncias. Brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la. (BRASIL, RCNEI, vol. II, p.22)

Adiante coloca que mais do que uma brincadeira, o faz de conta é uma forma de linguagem utilizada pelas crianças para exteriorizar suas vivências culturais e sociais, representar as regras de convivências, seus sentimentos, suas emoções, enriquecendo e formando sua identidade:

Quando utilizam a linguagem do faz-de-conta, as crianças enriquecem sua identidade, porque podem experimentar outras formas de ser e pensar, ampliando suas concepções sobre as coisas e pessoas ao desempenhar vários papéis sociais ou personagens. Na

brincadeira, vivenciam concretamente a elaboração e negociação de regras de convivência, assim como a elaboração de um sistema de representação dos diversos sentimentos, das emoções e das construções humanas. (BRASIL, RCNI, vol. II, p.23)

Parto então para o tópico *Objetivos*, deste Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Quanto aos objetivos para crianças de 0 a 3 anos de idade entre outros o documento traz que a instituição educacional deve oferecer:

- Um ambiente onde as crianças tenham segurança e confiança, bem como a oportunidade de expressar seus desejos, sentimentos e vontades e agir com autonomia.
- Conhecer a imagem do próprio corpo, identificando seus limites e sensações que ele produz. Interessar-se pelo cuidado com seu corpo, desenvolvendo ações simples de higiene e saúde.
- Brincar.
- Se relacionar com outras crianças, com as pessoas da instituição, sendo capaz de demonstrar seus interesses e necessidades.

A seguir o documento traz um quadro com os conteúdos que devem ser trabalhados com crianças de 0 a 3 anos de idade, bem como orientações didáticas aos professores sobre como trabalhar a autoestima, escolha, faz de conta, interação, imagem, cuidados e segurança.

Em minha percepção este volume II do RCNEI é completo e construtivo para o professor que deseje tomá-lo como fonte de leitura e referência, na construção de seus planejamentos e práticas voltadas para crianças de 0 a 3 anos de idade, abordando e discutindo as questões do brincar, da brincadeira, do cuidar de forma reflexiva e rica. Existe uma menção a todas as práticas que o professor de educação infantil pode desenvolver em sua ação docente.

O volume III deste RCNEI chamado “Conhecimento de Mundo”, vai trazer seis áreas de conhecimento diferentes: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. Em cada uma destas seis áreas são trazidas ideias e práticas correntes, seguidas de objetivos e conteúdos, com uma separação por faixa etária: 0 a 3 anos e 4 e 6 anos.

Acreditamos que não cabe neste trabalho à análise de cada uma destas seis áreas de conhecimento, pois estaríamos direcionando nosso olhar especificamente para as práticas voltadas para as crianças de 0 a 3 anos de idade, e não é este nosso objetivo.

Procuramos aqui verificar, de uma forma geral, como aparecem as relações do cuidado, da educação e da brincadeira, se estas aparecem como indissociáveis, e isto já foi possível na análise dos volumes I e II deste RCNEI, que tratam de concepções e orientações. Para nossa análise, basta tomar conhecimento que em cada uma destas seis áreas aparece uma divisão por faixa etária, ou seja, há a preocupação em instruir os professores para quais práticas adotar com crianças de 0 a 3 anos e com crianças de 4 a 6 anos. Com isto há um reconhecimento das especificidades que as crianças tem, considerando sua faixa etária.

3.3 Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil, de 2010

A apresentação deste documento traz um histórico sobre atendimento em creches e pré-escolas no Brasil, e elenca como prioritárias as discussões sobre as orientações dadas aos profissionais que trabalham com crianças de até 5 anos de idade, onde seja objetivo de suas práticas o desenvolvimento das crianças e uma possibilidade de continuidade de suas aprendizagens, sem se antecipar conteúdos que serão vistos no ensino fundamental.

A seguir o documento traz as definições de Educação Infantil, Criança, Currículo e Proposta Pedagógica.

No subtítulo Educação Infantil, o documento define esta como sendo primeira etapa da educação básica, oferecida em creches ou pré-escolas, que se caracterizam como estabelecimentos educacionais não domésticos, podendo ser públicos ou privados, que cuidam e educam crianças de 0 a 5 anos de idade. Aparece aqui a menção de cuidado e educação dos 0 aos 5 anos de idade, não havendo fragmentação destas ações levando em conta a idade das crianças.

No subtítulo Concepções de Educação Infantil, as Diretrizes Nacionais trazem a obrigatoriedade da matrícula na educação infantil de crianças de 4 ou 5 anos de idade.

No que se refere à concepção de proposta pedagógica, o documento traz na página 17, que a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve assumir “a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias;”. É possível dizer que aí está intrínseca a tarefa de cuidar e de educar as crianças, e posteriormente compartilhar e complementar estas ações com as famílias.

Como objetivos da proposta pedagógica o documento traz:

garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, DCNEI, 2010, p.18)

Encontro mencionadas neste trecho as ações do educar, do cuidar e da brincadeira, como integrantes dos objetivos de quaisquer propostas pedagógicas para educação infantil.

Na página 19, o documento enfatiza que para organização de seus tempos, espaços e materiais, as instituições de educação infantil deverão assegurar: “A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;”. Temos aqui uma menção concreta a se trabalhar o educar e educar de forma indissociável.

A seguir as Diretrizes trazem eixos do currículo para as práticas pedagógicas a serem adotadas na educação infantil. Assim como em nossa análise do Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil, acreditamos não ser o foco de nosso trabalho analisar as orientações acerca das práticas a serem adotadas pelos professores que trabalharam com a educação infantil, mas sim (e se) estava presente a concepção de que o cuidar e educar são ações indissociáveis durante toda a educação infantil.

3.4 Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil de Curitiba de 2006.

A primeira menção a educar e cuidar como ações indissociáveis aparecem na página 14, onde o documento enfatiza a importância destes, e menciona ser a “base de sustentação” do processo educacional das crianças, salientando ainda que quando realizados com qualidade, irão refletir na formação humana destes indivíduos.

Já o brincar é trazido ainda nesta página 14 como um dos articuladores do desenvolvimento, juntamente com a linguagem, a socialização e a interação, estando diretamente ligado ao meio social.

Mais adiante na página 20, o documento faz menção a LDBN 9394/96 no que se refere à proposta de educação infantil oferecidas em creches e pré-escolas, onde tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos de idade, integrando as ações do cuidar e do educar, e entendendo-as como funções indissociáveis e indispensáveis durante a Educação Infantil, trazendo inclusive uma síntese do que seriam ações que envolvem o cuidar e o educar:

Essas necessidades são expressas nas ações que envolvem: proteção e segurança, afeto e amizade, expressão de sentimentos, desenvolvimento da curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; acesso a uma alimentação sadia, à higiene e à saúde; a possibilidade de movimento em espaços amplos e de contato com a natureza; a atenção individual, em especial durante processos de inserção nas instituições de Educação Infantil; acesso a ambientes educativos acolhedores e desafiadores; o desenvolvimento da identidade cultural, racial e religiosa; a possibilidade de brincar como uma forma privilegiada de aprender e expressar conhecimentos sobre si, sobre a cultura e o mundo onde vive. (DCMC, 2006, p.20).

No que se refere à importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, as Diretrizes Municipais a reconhecem como vantajosa no campo social, cognitivo e afetivo. Cita autores como Vygotsky, que entendem a brincadeira como uma grande fonte de desenvolvimento.

Mais adiante, a partir da página 49, o documento traz no subtítulo: *Objetivos para a educação municipal de Curitiba*, já no primeiro parágrafo que durante a permanência diária nas instituições de educação infantil, as crianças aprendem não apenas nas ações planejadas, mas em todas as relações de seu cotidiano, incluindo aí situações de higiene, descanso, alimentação, e

salienta a importância de os profissionais que atuam com as crianças refletirem sobre suas práticas e atuação em todos os momentos em que estarão com as crianças.

A seguir menciona o brincar como “fio condutor na Educação Infantil”, na perspectiva de que as propostas para Educação Infantil devem trazer vivências e experiências lúdicas às crianças. Ainda sobre o brincar, traz que:

Quando o brincar é considerado como categoria que permeia o fazer pedagógico na educação, está se optando por pressupostos teóricos que atribuem à infância visibilidade e importância enquanto objeto científico com valor em si próprio, ou seja, as crianças não aprendem apenas quando os adultos lhes ensinam, mas aprendem sobretudo por meio das relações que estabelecem com seus pares, pois através das brincadeiras, recriam o mundo social e cultural. (CURITIBA, DCEI, 2006, p.50)

Para as Diretrizes Municipais, o professor tem um importante papel de mediador, ora como observador, ora como personagem nas brincadeiras, ele vai identificar os conhecimentos que as crianças tem suas experiências, o que viveu e está recriando, e trazer conhecimentos científicos, retomando com elas suas falas e acrescentando e ampliando seus saberes.

Salienta a importância dos profissionais que trabalham com a educação infantil terem conhecimentos sobre a aprendizagem e o desenvolvimento infantil em diferentes idades, mas também frisa que as crianças devem ser tratadas como indivíduos únicos, não se fixando pontos de chegada num mesmo período de tempo, ou seja, as crianças de uma mesma idade não vão necessariamente desenvolver e aprender as mesmas coisas ao mesmo tempo, e essas suas especificidades devem ser consideradas e respeitadas.

Tendo estas especificidades consideradas como justificativa, o documento organiza seus objetivos de aprendizagens entre as faixas etárias: 0 até 3 anos de idade, e de 4 a 5 anos de idade. Justifica ainda a separação por faixa etária como uma maneira de pensar na continuidade do trabalho com as crianças nas instituições de educação infantil, bem como nos estudos posteriores no Ensino Fundamental.

As Diretrizes Curriculares Municipais mencionam que os objetivos servem para orientar a organização do trabalho pedagógico na instituição de Educação Infantil, e também explicar sua intencionalidade diante das funções indissociáveis do educar e do cuidar. E explana as áreas de formação que

devem ser trabalhadas durante as práticas na educação infantil, que são: Identidade, Relações Sociais e Naturais, Linguagens que envolvem corpo e movimento, oralidade, linguagens artísticas e leitura e escrita e por fim Pensamento Lógico – Matemático.

O documento traz inclusive quadros com os objetivos de aprendizagens em cada uma destas áreas, divididos por faixas etárias. Por exemplo, Pensamento Lógico-Matemático – Objetivos de 0 a 3 anos / Pensamento Lógico-Matemático – Objetivos de 4 a 5 anos.

Basta o profissional, seja ele educador ou professor, querer, que terá todos os objetivos que devem estar presentes em suas ações e planejamentos ao seu alcance, na leitura deste material, sintetizados nestes quadros. É possível também fazer uma comparação e pensar na continuidade do desenvolvimento das crianças, pois se trabalha com uma criança de 3 anos, tem ali a o quadro com os objetivos que serão o foco do trabalho com a criança no ano seguinte, quando ela completar 4 anos.

Encontramos claras neste documento a menção as ações de cuidar e educar como indissociáveis, bem como o importante papel do brincar e da brincadeira pra o desenvolvimento e aprendizagem das crianças durante toda a educação infantil. São trazidos os objetivos de aprendizagem para cada faixa etária, porém o cuidar, educar e brincar são trazidas como ações que devem estar presentes durante toda a educação infantil. Não identificamos durante a leitura qualquer objetivo ou intenção de atendimento assistencialista nas instituições de Educação Infantil, mas sim que as instituições de Educação Infantil de Curitiba são instituições educativas, e que faz parte do educar o cuidar, o brincar, o desenvolver e o aprender.

4. CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA CIENTÍFICA ZERO A SEIS/UFSC ENTRE OS ANOS DE 2005 A 2015

Durante a pesquisa inicial sobre a temática deste trabalho, surgiu a necessidade de buscar uma fonte confiável e com reconhecimento nacional na área da educação, voltada especificamente para Educação Infantil, de onde seriam coletados os dados sobre as produções acadêmicas recentes voltadas para educação infantil de 0 a 3 anos de idade. Neste cenário se destacou a revista *Zero a Seis*, da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, uma revista de publicação semestral, que tem como objetivo a divulgação da produção acadêmica sobre Educação Infantil, visando à ampliação do conhecimento das temáticas e das discussões no campo educacional e a socialização das pesquisas produzidas tanto no Brasil quanto no exterior. Outro fator que corroborou para esta escolha foi a facilidade de acesso a todas as suas publicações, tendo em vista que estão disponíveis online no site da revista.

Após me aprofundar e conhecer mais sobre a revista identifiquei a necessidade de aplicar alguns “filtros” que antecederam este estudo. Vale destacar que a partir destes filtros utilizados durante a busca e seleção de artigos, cataloguei exclusivamente os trabalhos publicados na categoria “artigos” da revista, não contabilizando as demais matérias presentes nas publicações, como por exemplo, a categoria “entrevistas” e a categoria “relatos”.

O primeiro “filtro” que apliquei foi a demarcação de um tempo cronológico. Optei por buscar os artigos publicados entre os anos de 2005 a 2015. Acessei então o site da revista buscando os artigos publicados dentro deste período de 10 anos, e posteriormente, refinei a busca selecionando os

artigos que envolviam de alguma forma em seu tema a educação infantil de 0 a 3 anos de idade.

No primeiro momento me atentei a leitura dos títulos dos artigos, bem como as palavras chaves e os resumos. Como resultado, cheguei aos seguintes números: entre os anos de 2005 a 2015 a revista *Zero a Seis/UFSC* publicou noventa e oito artigos versando sobre temas da Educação Infantil, e destes, apenas oito envolveram de alguma forma a temática da educação infantil de 0 a 3 anos de idade, são eles:

Quadro 2: Artigos publicados na Revista Zero a Seis/UFSC entre os anos de 2005 a 2015, tendo em sua temática a Educação Infantil de 0 a 3 anos de idade.

TÍTULO	ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTORES
1. A criança na creche e o seu remanejamento.	2007	Cláudia Regina Pinto Michelli
2. Construindo e registrando o cotidiano na creche.	2009	Ana Maria Ribeiro de Carvalho Gonzaga Ramadan; Marta Aparecida Masquetti Fava; Tania Aparecida Camata
3. O estudo das relações sociais dos bebês na creche: uma abordagem interdisciplinar.	2009	Ângela Maria Scalabrin Coutinho
4. A complexidade de ser bebê: reflexões acerca de sua visibilidade nas creches e nas pesquisas.	2013	Carolina Machado Castelli; Maria Renata Alonso Mota
5. A gestão da pedagogia do bem estar: apontamentos da política da creche de parma-itália.	2013	Eliane Gomes da Silva; Cileda dos Santos Sant'Anna Perrella
6. Educação e desenvolvimento integral da criança na primeira infância: o campo das responsabilidades.	2013	Alessandra de Carvalho Faria; Cíceran Martins Palmeira; Maristela Angotti
7. Experimentando a docência com bebês no estágio supervisionado: organizando espaços, brincadeiras e interações.	2014	Eloisa Acires Candal Rocha; Lívia Rezende Girardi; Márcia Buss-Simão
8. O objeto de transição: um estudo em contexto de creche.	2014	Isabel Simões Dias Sônia Conceição

Fonte: Quadro construído pela autora, a partir da leitura dos artigos da revista.

Com números tão desproporcionais alguns questionamentos surgem, como: O porquê desta desproporção? Por que temas voltados para a educação infantil de 0 a 3 anos de idade não são tão estudados e pesquisados na área acadêmica? Este seria ainda um reflexo da visão assistencialista dada à educação infantil de 0 a 3 anos de idade?

Além destas perguntas, que faço na tentativa de compreender os motivos da desproporção entre o total de artigos publicados e o total de artigos que envolvem a educação infantil de 0 a 3 anos de idade, cabem outras, voltadas especificamente aos oito artigos que envolvem a temática principal e que norteiam este trabalho: Houve crescimento nas produções e pesquisas para essa faixa etária? As ações do educar e cuidar são entendidas e tratadas como indissociáveis? Como aparece entendido o ato do brincar?

É o resultado da busca de respostas a estas perguntas que trarei a seguir.

4.1 Os oito artigos que envolvem a temática da Educação Infantil de 0 a 3 anos de idade

ARTIGO 1: A CRIANÇA NA CRECHE E O SEU REMANEJAMENTO. **AUTORA: CLÁUDIA REGINA PINTO MICHELLI - ANO 2007**

O artigo tem como objetivo trazer o relato das crianças que passaram pelo remanejamento de turma dentro das creches devido a terem completado 3 anos de idade. São ouvidas também as mães e as educadoras destas crianças.

Ao ouvir e observar algumas crianças que completaram 3 anos de idade e passaram pela mudança de turma, a autora notou como essa ruptura pode trazer angústias e desconforto para as crianças envolvidas. Já quando as mães eram ouvidas a respeito do remanejamento, traziam relatos que confirmavam que seus filhos estavam desconfortáveis, mas defendiam que era uma mudança necessária, pois se seus filhos já tinham completado três anos, aprenderiam mais com as crianças da sua idade:

Alcançar o Maternal II faz com que essas mães se sintam realizadas por verem que seus filhos são capazes, que aprenderam determinadas coisas e que isso lhes possibilitou o acesso à turma “mais avançada da creche.” (MICHELLI, 2007. p. 16).

A autora critica esse remanejamento ocorrido por questões de idade cronológica, e defende que as crianças convivem como grupo, criam laços afetivos, socializam, e se veem desorientadas quando de um dia para o outro passam a conviver com outra turma, com outras educadoras.

É possível notar que a autora reconhece a importância do brincar, pois ela cita várias observações que fez durante os momentos de brincadeira das crianças, e estas observações corroboram com as críticas que ela faz ao remanejamento ocorrido na creche observada, como podemos verificar no trecho abaixo:

Embora tenha tido que frequentar o Maternal II por ter completado três anos, João buscou rever seus amigos e compartilhar situações de brincadeira com eles. Neste sentido, entendemos a creche como um lugar de construção e partilha de valores, um lugar onde se estabelecem relações de amizade, tanto com outras crianças quanto com adultos. O remanejamento de João significou uma ruptura entre os vínculos criados até então. (MICHELLI, 2007, p. 4)

Não aparece menção as ações educar e cuidar, nem à importância de serem entendidas como indissociáveis.

ARTIGO 2: CONSTRUINDO E REGISTRANDO O COTIDIANO NA CRECHE **AUTORES: ANA MARIA R. C. G. RAMADAN ET AL. - ANO 2009**

Este artigo busca desconstruir a visão “estigmatizada” assistencialista de atendimento oferecido nas creches. As autoras pretendem, a partir do relato de suas experiências, mostrar os novos caminhos que podem ser traçados, e as diversas formas de trabalhos que podem ser desenvolvidos com as crianças pequenas.

Já é possível identificar o reconhecimento da importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil na página 3 do artigo, no qual as autoras enfatizam que é necessário, para um trabalho voltado para crianças pequenas “compreender a importância e a necessidade de todo tipo de brincadeira no

desenvolvimento infantil, tanto as sugeridas pelas educadoras, como as livres, o “brincar por brincar” (p.3).

No parágrafo seguinte, as autoras afirmam que, a fim de rever suas próprias práticas como educadoras que atuam em creches, se fazem necessário primeiramente romper com a dicotomia entre educar e cuidar, e entender estas ações como indissociáveis. Acreditam que é necessário, em primeiro lugar, romper com:

a lógica que nos fizeram acreditar que quem educa não cuida ou quem cuida não educa, quem educa é o professor, pois este tem formação profissional para tanto, e quem cuida são as demais profissionais: monitoras, crecheiras, pajens, etc. Foi rompendo concepções e valores e principalmente, acreditando na necessidade e possibilidade de mudar, fazer diferente, que estamos caminhando, procurando a partir de leituras, embasar nossas práticas e buscando trocar experiências com colegas e amigas que dividem conosco a paixão pela educação infantil. (RAMADAN et al, 2009, p.3)

As autoras também acreditam que a observação é uma importante ferramenta que antecede qualquer intenção de mudança na prática educacional.

No decorrer do artigo as autoras trazem fotos e explicações das práticas que adotaram e do trabalho que realizaram com as crianças. Concluem que o interesse das crianças foi o foco de seu trabalho, e que um currículo e planejamento flexíveis, onde as especificidades e necessidades da turma são consideradas, é o que pode tornar o trabalho significativo e enriquecedor para todos os envolvidos neste processo.

ARTIGO 3: O ESTUDO DAS RELAÇÕES SOCIAIS DOS BEBÊS NA CRECHE: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR. AUTORA: ÂNGELA MARIA SCALABRIN COUTINHO - ANO 2009

O objetivo principal deste artigo é analisar as relações socioeducativas dos bebês, buscando com isto indicações para se trabalhar com a formação dos professores de educação infantil. A autora busca discutir a

interdisciplinaridade no trabalho com crianças bem pequenas nos campos da educação e sociologia.

A autora menciona que a sociologia da infância é reconhecida como um campo de conhecimento a partir dos anos de 1990, assim como ocorre na área da educação infantil, com o surgimento de uma pedagogia da infância. Ou seja, estes dois campos de estudos são recentes, o que determina que a investigação sobre as relações sociais dos bebês adote uma postura cuidadosa.

É problematizado na página 20, a ausência de estudos sobre os bebês: “A invisibilidade da criança fica ainda mais marcada quando trata-se dos bebês, ou seja, quanto menor a criança mais ausente ela está nas investigações, nos programas de formação de professores/as, nas políticas educacionais.” (p.20).

A autora faz um levantamento da produção acadêmica sobre crianças pequenas de 0 a 3 anos no campo da sociologia e da educação, ela constata que dentre as mais de 300 obras pesquisadas, uma no campo da sociologia menciona o desinteresse em se estudar as crianças pequenas. Já no campo da educação ela encontrou 162 títulos voltados para os pequenos, mas, salienta que a maioria destes tem como área de conhecimento identificada a psicologia e ou a psicanálise.

Há menção a forte presença de saberes médico-higienistas nas práticas educativas voltadas para os bebês, isto acontece, segundo Coutinho (2009):

em certa medida pela imagem de dependência e necessidade de proteção em relação aos adultos inerente aos bebês, bem como pela considerável produção teórica nessa perspectiva e inexpressiva produção no campo sociológico.(COUTINHO, 2009, p. 23)

O artigo tem uma linguagem mais formal, se comparada aos dois artigos anteriores analisados. E a única menção as questões pesquisadas neste trabalho é a acima citada.

ARTIGO 4: A COMPLEXIDADE DE SER BEBÊ: REFLEXÕES ACERCA DE SUA VISIBILIDADE NAS CRECHES E NAS PESQUISAS. AUTORAS:

Este artigo apresenta duas problematizações centrais, uma relacionada às pesquisas, e outra com relação aos fazeres educacionais, ambos envolvendo bebês e crianças de até 3 anos de idade.

No que se refere às pesquisas, as autoras são otimistas, e acreditam que está havendo um aumento significativo nas produções voltadas para os bebês e as crianças bem pequenas, porém, reconhecem a necessidade de mais pesquisas, desse aumento ser crescente, e acreditam que se efetivando este aumento, por consequência haverá um efeito positivo nas relações e metodologias que se desenvolvem no interior da creche:

Ao se ampliarem os estudos com bebês, eles e as creches poderão ser compreendidos de outras maneiras e mais educadores poderão se engajar por maior reconhecimento das potencialidades e especificidades dessas pequeníssimas crianças e maior qualidade nas relações educacionais e nos seus direitos, priorizando seu desenvolvimento integral. Até porque, se enquanto professores/professoras, pretendemos ser sempre pesquisadores/pesquisadoras, é importante pensar em quais metodologias podemos utilizar, como permitir que os sujeitos se expressem e tenham suas identidades e vidas respeitadas e quais as possíveis formas de dialogar com os demais e dar retorno dos resultados para os sujeitos que participaram da pesquisa. (CASTELLI; MOTA, 2013. p.1)

Uma problemática importante e também levantada neste artigo, é a necessidade de se entender como linguagem as diversas formas de expressão, indo além da oral e escrita. Os bebês devem ser vistos como sujeitos de seu desenvolvimento, tendo todas as suas capacidades reconhecidas e compreendidas:

A questão é compreender que, se um bebê se apropria de elementos de seu contexto, cria a partir dele, sente, se expressa, significa e interage a partir de (muitas) linguagens, essas formas de viver o mundo precisam ser centrais em toda Educação Infantil, de modo que eles vivenciem experiências mais ricas, e as crianças mais velhas encontrem espaço para todas as suas linguagens – não somente para aquelas que os adultos, de forma estanque, vêm escolhendo por elas.(CASTELLI; MOTA, 2013. p.2)

É apresentado um recorte histórico sobre os bebês na sociedade. Dentro deste recorte encontramos menção a primeira função atribuída à creche, recorrente das mudanças sociais ocorridas no séc. XX, quando as mulheres ingressaram no mercado de trabalho, deixando então os filhos em creches para serem cuidadas e alimentadas durante o período em que estas estavam trabalhando. Este tipo de visão sobre a função da creche muda

A partir da Constituição Federal de 1988, foi garantido o direito à educação para crianças de 0 a 3 anos na creche, procurando romper com a ideia de que seja só um espaço de cuidado para filhos de mães trabalhadoras, o que foi reforçado com a LDB nº 9.394/96, que instituiu a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica (CAMPOS, 1999). Além disso, ou por conta disso, a procura pela creche vem se ampliando e não mais somente as mães são responsáveis pela educação das crianças. (CASTELLI; MOTA, 2013. p.6)

É forte a intenção neste artigo de fazer o leitor compreender que, principalmente se tratando dos bebês, as linguagens e formas de comunicação são diversas, e a brincadeira é trazida como uma delas “Essa diversidade nas formas de comunicação dos bebês é composta por risos, choros, danças, movimentos, músicas, olhares, brincadeiras, gestos, modelagens, etc.,” (Castelli; Mota, 2013). A brincadeira é destaca pelas autoras como muito importante, inclusive destacam que o currículo de uma instituição de educação infantil deve estar recheado de possibilidades, culturas familiares e muitas brincadeiras. (Castelli; Mota, 2013, p.9).

Chegando a metade do total de artigos a serem analisados, consideramos este como uma escrita muito importante para quem deseja trabalhar ou já trabalha com bebês e crianças de até 3 anos de idade. Traz um importante recorte histórico, que possibilita conhecer as origens da creche e do atendimento oferecido nestas instituições logo em sua criação, e problematiza questões importantes como as diversas formas de comunicação e linguagens utilizadas pelos bebês, e os temas de pesquisas atuais tendo como tema esta mesma faixa etária.

ARTIGO 5: A GESTÃO DA PEDAGOGIA DO BEM ESTAR: APONTAMENTOS DA POLÍTICA DA CRECHE DE PARMA-ITÁLIA. AUTORAS: ELIANE GOMES DA SILVA; CILEDIA DOS SANTOS SANT'ANNA PERRELLA – ANO 2013

Este artigo apresenta como sendo seu objetivo destacar alguns pontos da proposta pedagógica para educação infantil da cidade de Parma, na Itália, e posteriormente, depois de feita a observação e análise desta proposta, buscar inspiração e incentivo para trabalhar por melhorias para o sistema de instituições educativas infantis brasileiras.

O trabalho começa com um breve histórico do surgimento das creches na Itália. Segundo as próprias autoras mencionam, o atendimento inicial prestado nas creches italianas é o mesmo que nas creches brasileiras:

Da década de 1920 à década de 1970, a história das creches italianas e brasileiras é permeada por um atendimento predominante de caráter assistencialista e higienista, perpassando pelo enfoque da creche como substituta materna [...] priorizando-se, assim, os cuidados com a alimentação, saúde e sobrevivência da criança. (PERRELLA; SILVA, 2013. p.3)

Na sequência, as autoras trazem dados diversos sobre a legislação que tange a educação infantil italiana, bem como dados sobre as políticas educacionais locais, se referindo especificamente a cidade de Parma, onde fizeram suas observações.

A seguir relatam alguns pontos que observaram em sua visita a creche Zuccheri Filato (algodão doce em tradução para o português). Dentre eles a autonomia das educadoras, esta creche visitada não possui a figura do diretor, então são as próprias educadoras que resolvem algumas questões administrativas e também relacionadas as famílias e as crianças.

Também relatam um pouco das impressões que tiveram ao andar pelos espaços da creche, lá sentiram que todos participavam de uma mesma família, e as crianças demonstravam estar muito a vontade, inclusive a liberdade desfrutada pelas crianças tendo trânsito livre pelos cômodos, é por elas mencionada como um exemplo deste bem estar.

Relatam a beleza estética do local, as paredes de vidro entre os ambientes internos e também externos, segundo as autoras isto possibilita uma

maior interação entre as crianças e o ambiente em que estão, é possível visualizar o que está ocorrendo fora da creche, se está dia ou noite, se está nevando ou está sol. E também possibilita a comunidade e aos pais se sentirem parte integrante daquele local.

Voltando olhar para as questões que norteiam nossa análise neste trabalho, não há menção clara as ações do educar e cuidar como indissociáveis, nem menção a importância da brincadeira. Este artigo tem como foco observar e analisar as questões relacionadas a organização administrativa, formação dos profissionais, organização dos espaços físicos, não se ocupando de observar questões específicas ao fazer educativo desta creche acima citada. Não que desvalorizem estas ações, mas é como se houvesse um interesse em saber como tudo aquilo que observaram funcionava.

Dentro das questões que orientam este trabalho de conclusão de curso, a única temática que encontramos clara, foi a crítica ao atendimento assistencialista oferecido nas creches italianas lá no início, perto dos anos de sua criação.

ARTIGO 6: EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: O CAMPO DAS RESPONSABILIDADES. AUTORAS: ALESSANDRA DE CARVALHO FARIA; CÍCERAN MARTINS PALMEIRA; MARISTELA ANGOTTI. ANO – 2013.

Este artigo não trata especificamente da educação infantil de 0 a 3 anos de idade, mas sim a educação infantil como um todo. Seu tema central se refere a um apanhado histórico envolvendo as crianças, a primeira infância e a forma como foram vistas ao longo do tempo.

O texto se inicia já com uma crítica à concepção assistencialista, fortemente vinculado ao atendimento dispensado às crianças bem pequenas.

Na sequência as autoras trazem autores como Rousseau e Froebel, que com suas ideias revolucionaram a maneira como se entendiam o período da infância, bem como o modo de se pensar em espaços para atender as crianças no período em que ficam longe de casa, enquanto os pais trabalham.

Mencionam também as diferenças de concepções entre o atendimento prestado nas creches e nos jardins de infância. As creches confundidas com casas assistenciais, onde eram atendidas os filhos de mulheres pobres e trabalhadoras. E os jardins de infâncias entendidos como instituições de ensino, onde as crianças eram cuidadas e educadas:

Temos a partir destas novas concepções de atendimento educacional à primeira infância, uma visão negativa referente à creche, em que as crianças de mães trabalhadoras, ficam de fora do contexto familiar e assim negligenciadas à educação, enquanto as que frequentam o jardim-de-infância estão destinadas a um local (instituição) privilegiado recebendo ensinamentos e cuidados. Diferenças estas que ainda permanecem até hoje. (FARIA; CARVALHO, 2013. p. 2)

Além de trazer estas concepções primeiras a respeito da creche e das instituições que atendiam as crianças pequenas, as autoras refletem sobre o importante trabalho que deve ser desempenhado pelos professores que atuam com a primeira infância:

Conforme posto, é bem complexo o trabalho a ser realizado junto à criança na primeira infância, sobretudo pela finalidade educacional que busca promover o desenvolvimento integral da criança. Para tanto, a atuação do professor em Educação Infantil deve ter intencionalidade educativa, planejamento prévio, acompanhamento e avaliação. (FARIA; CARVALHO, 2013. p. 3)

Refletem também sobre como o despreparo e a falta de informação e de entendimento sobre a infância e o desenvolvimento infantil por parte de alguns professores, podem gerar práticas e ações pedagógicas não adequadas em relação às crianças.

Finalizam o artigo problematizando a forma como a educação infantil ainda é vista – de forma assistencial - mas sim deve ser compreendida como a primeira etapa da educação básica, integrante do sistema educacional brasileiro. Uma educação que promove

o desenvolvimento integral da criança em todos seus aspectos, cuidando e educando, privilegiando o brincar (ludicidade), a experimentação e o relacionamento com o mundo pelas diferentes linguagens. O novo contexto educacional requer a perspectiva de um atendimento mais lúdico e de práticas pedagógicas mais flexíveis, que atenda e promova o desenvolvimento infantil, que compreenda a criança em sua singularidade e que permita a ela apresentar seu

olhar e leitura de mundo, que estimule e permita o ato criativo, que respeite sentimentos e emoções, que valorize as diferentes formas de expressão infantil. (FÁRIA; CARVALHO, 2013. p. 4).

ARTIGO 7: EXPERIMENTANDO A DOCÊNCIA COM BEBÊS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ORGANIZANDO ESPAÇOS, BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES. AUTORAS: ELOISA ACIRES CANDAL ROCHA; LÍVIA REZENDE GIRARDI; MÁRCIA BUSS-SIMÃO.

Neste artigo as autoras trarão relatos de suas vivências durante o estágio supervisionado em uma instituição de Educação Infantil da rede municipal de Florianópolis. As observações e interações ocorreram com uma turma de berçário, composta por crianças de idade entre oito meses e 1 ano e 3 meses de idade.

Iniciam o trabalho refletindo a respeito da função da Educação Infantil, falam sobre suas peculiaridades e responsabilidades. Tomam como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, especificamente o artigo 9º, que versa sobre as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular tendo como eixo as interações e a brincadeira. É possível já neste início identificar o reconhecimento da importância da presença da brincadeira nas propostas pedagógicas voltadas para as crianças pequenas:

O brincar deve ser uma ação planejada e conduzida em ambientes interessantes que forneçam novas experiências para que as crianças ampliem suas possibilidades de criação e imaginação, ampliando seu repertório cultural, qualificando o trabalho do professor e proporcionando o desenvolvimento integral das crianças. (BUSS-SIMÃO et al, 2013, p.23)

Prosseguem trazendo reflexões a respeito do papel do espaço como um facilitador na realização destas brincadeiras. Colocam o espaço, inclusive, como um terceiro educador. O espaço deve ser convidativo, atraente, acessível, interessante, desafiador. Um espaço com estas características vai instigar as crianças, vai possibilitar situações de brincadeira não planejadas, espontâneas.

Sendo um dos temas centrais deste artigo o espaço, uma das ações das autoras durante a realização do estágio foi a modificação do espaço, se efetivando com a mudança da disposição dos berços dentro da sala. A partir das observações prévias feitas por elas, notaram que os bebês enquanto estavam no berço após acordarem procuravam com olhares os colegas, e interagem, se comunicavam através da linguagem corporal e brincavam. As autoras então propuseram as educadoras da turma deixar os berços próximos.

Depois de feitas as mudanças, as autoras notaram que o planejado surtiu o efeito esperado, as crianças estando mais próximas umas das outras passaram a interagir mais nestes momentos, criando e desenvolvendo diversas formas de linguagens, brincando, se divertindo. Foi possível observar como os bebês resignificam os objetos, os ambientes. E também foi possível verificar como as crianças interagem sem a presença dos adultos, salientando claro, que as mudanças que possibilitaram estas interações foram planejadas pelos adultos.

Podemos uma vez mais mencionar Ostetto (2000) quando fala sobre a importância do planejamento e da intencionalidade nas ações das educadoras.

ARTIGO 8: O OBJETO DE TRANSIÇÃO: UM ESTUDO EM CONTEXTO DE CRECHE. AUTORAS: ISABEL SIMÕES DIAS; SÓNIA CONCEIÇÃO – ANO: 2014.

O tema central deste artigo é analisar a relação de três crianças com idade entre 1 e 2 anos com seus objetos de transição. Estes objetos de transição são aqueles escolhidos pelas crianças como um objeto que transmite segurança e conforto no momento de sesta.

No início do artigo são trazidas considerações a respeito da importância da sesta para as crianças pequenas, as autoras citam Mota (2011) que traz que “as crianças ao realizarem a sesta, têm a possibilidade de recarregar energias para a continuação do dia, constituindo-se o descanso como fonte de equilíbrio para a criança.” (CONCEIÇÃO; DIAS, 2014).

É possível identificar a preocupação com uma das diversas faces que o cuidar assume no fazer educativo com as crianças, neste artigo em específico se fala do momento da sesta.

São trazidas também referências a respeito da importância de se estabelecer rotinas na educação infantil, principalmente para que as crianças tenham um sono de qualidade. É neste contexto que se insere o objeto de transição. Ele vem para dar segurança para as crianças adormecerem longe de casa e dos pais, tem neste objeto algo familiar, que transmite conforto:

Se a criança tiver um objeto para lhe fazer companhia no momento da sesta, poderá realizar um sono de qualidade, pois ao sentir o objeto perto de si, sentir-se-á segura. Para Rodrigues (2009) o objeto de transição tem como função proteger e acalmar a criança transmitindo-lhe um sentimento de segurança e conforto. O objeto de transição pode ser uma almofada, um boneco de peluche, fralda(s) ou chupeta(s). Seja que objeto for, uma vez que transmite segurança à criança, deve ser escolhido pela mesma e ter as características necessárias ao seu bem estar. (CONCEIÇÃO; DIAS, 2014, p. 205).

No decorrer do trabalho as autoras trazem relatos de sua observação em uma creche de Portugal, acompanhando três crianças entre um e dois anos nos momentos que antecediam a sesta. Observaram o momento do sono, o tempo que as crianças demoravam a pegar no sono e as relações que estabeleciam com seus objetos de transição.

Como conclusão em suas considerações finais as autoras trazem que os objetos de transição transmitiram as crianças observadas segurança e conforto, tornando a sesta um momento mais tranquilo.

Com relação aos objetos de análise deste trabalho de conclusão de curso, foi possível identificar o momento da sesta como uma das faces que o cuidar pode assumir dentro de uma instituição de educação infantil. Não há menção a brincadeira, porém, acredito que isto se deve ao foco concreto de observação e análise deste artigo, que era o objeto de transição durante a sesta. Trata da questão educar e cuidar.

4.2 Refletindo sobre os artigos analisados

Durante a análise de cada um dos oito artigos, questões foram surgindo, outras sendo respondidas, e então fui desenhando o quadro abaixo. Cabe agora, depois de concluídas as análises, reler este quadro, e identificar quais respostas foram encontradas para as questões propostas no início deste capítulo III.

Quadro 3: Critérios de análise estabelecidos durante a leitura dos oito artigos que envolviam a temática da Educação Infantil de 0 a 3 anos de idade.

ARTIGO	MENCIONA A RELAÇÃO EDUCAR E CUIDAR COMO INDISSOCIÁVEL	MENCIONA/ PROBLEMATIZA A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR	PROBLEMATIZA O ATENDIMENTO ASSISTENCIAL NA CRECHE	MENCIONA A BAIXA PRODUÇÃO ACADÊMICA VOLTADA PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DE IDADE
1. A criança na creche e o seu remanejamento.	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
2. Construindo e registrando o cotidiano na creche.	SIM	SIM	SIM	NÃO
3. O estudo das relações sociais dos bebês na creche: uma abordagem interdisciplinar.	NÃO	NÃO	SIM	SIM
4. A complexidade de ser bebê: reflexões acerca de sua visibilidade nas creches e nas pesquisas.	NÃO	SIM	SIM	SIM
5. A gestão da pedagogia do bem estar: apontamentos da política da creche de parmatália.	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
6. Educação e desenvolvimento integral da criança na primeira infância: o campo das responsabilidades.	SIM	SIM	SIM	NÃO
7. Experimentando a docência com bebês no estágio supervisionado: organizando espaços, brincadeiras e interações.	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
8. O objeto de transição: um estudo em contexto de creche.	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO

Fonte: Quadro construído pela autora, a partir da leitura dos artigos da revista.

Como já mencionado, dos noventa e oito artigos publicados na revista *Zero a Seis/UFSC* entre os anos de 2005 a 2015 apenas oito envolviam especificamente a Educação Infantil de 0 a 3 em sua temática. Agora, após ler e analisar cada um destes oito artigos e observar o quadro acima é possível tecer algumas considerações e talvez conclusões.

Sobre a compreensão das ações de educar e cuidar como indissociáveis apenas dois dos oito artigos traziam esta concepção. Acredito que entender as ações de educar e cuidar como indissociáveis é mais que seguir uma concepção, vai além de uma teoria ou perspectiva de trabalho, faz parte do entendimento e reconhecimento da importância e função da Educação Infantil. É reconhecer e acreditar que por trás de todas as ações dos educadores existe uma intencionalidade clara, e um objetivo educativo, ainda mais se tratando do trabalho com crianças tão pequenas, como os bebês.

Já a importância do brincar aparece em cinco dos oito artigos. Mesmo se tratando de artigos com temáticas centrais diferentes, a faixa etária que se referiam os artigos era a mesma, e isto corrobora para a reincidência do aparecimento do tema brincar. Diferentemente do que ocorre com o educar e cuidar, o entendimento de que o brincar é importante e fundamental para o desenvolvimento infantil é mais amplo e difundido quando se trata de Educação Infantil. Foi possível inclusive fazer esta verificação no capítulo II deste trabalho, durante a leitura e análise dos documentos oficiais nacionais e municipais sobre a educação infantil, em específico o que é destinado aos 0 a 3 anos de idade, aparece de forma recorrente o discurso sobre a importância do brincar no desenvolvimento infantil.

No que se refere ao atendimento assistencial oferecido na creche, também cinco dos oito artigos trouxeram considerações. Destes cinco artigos, quatro traziam a creche como uma de suas temáticas centrais. É interessante verificar que diferentes autores quando se propõem a discutir, escrever, relatar sobre algum aspecto da creche primeiro trazem esse perfil histórico desta instituição educacional e, posteriormente, problematizam este atendimento assistencial. Entendo isto como um importante passo em direção à superação completa desta concepção de que na creche as crianças estão sendo cuidadas

e alimentadas somente, enquanto seus familiares trabalham, ou não podem estar com elas.

Com relação à baixa produção acadêmica voltada para a Educação infantil de 0 a 3 anos de idade, dois dos oito artigos mencionam esta questão. Estes dois artigos trouxeram dentre seus objetivos discussões a respeito dos bebês. Foi possível observar que este é um tema dentro da educação infantil de 0 a 3 anos com menor interesse no que se refere às pesquisas. Os artigos que falam de bebês, em sua maioria, têm entre seus autores educadores que trabalharam ou trabalham com esta faixa etária.

O que observei e busquei ao longo da leitura destes oito artigos, foi a verificação de que cada vez mais dentro das pesquisas voltadas para a Educação Infantil se faz necessário diferenciar e problematizar as diferenças entre as faixas etárias que integram esta modalidade de ensino que compõe a Educação Básica brasileira.

Nem todos os encaminhamentos que se desenvolvem com crianças de 0 a 3 anos de idade poderão ser adotados com crianças de 4 e 5 anos de idade. Acredito ser de fundamental importância por parte dos professores, educadores, diretores e todos os sujeitos que atuam com crianças nas diversas instituições de Educação Infantil, ter este entendimento sobre as diferenças e especificidades presentes em cada faixa etária, sejam na organização da rotina, do espaço, na forma como trabalhar as diversas áreas de conhecimento, no cuidado, nas brincadeiras propostas, porém sempre enfatizando a importância de que durante toda a Educação Infantil o educar e cuidar é indissociável.

Para este trato diferenciado ser amplamente divulgado, reconhecido e entendido como fundamental é necessário que cresçam as pesquisas sobre tais temáticas. Quanto mais se pesquisar, estudar e compartilhar experiências sobre as especificidades de cada faixa etária, mais acesso e entendimento os envolvidos com a educação terão.

A leitura dos artigos publicados numa revista acadêmica propiciou um olhar mais claro sobre o que vem se pensando e o que vem se pesquisando acerca dos bebês, seres humanos repletos de potencialidades e encantamentos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil como campo de pesquisa vem crescendo no Brasil, prova disto é o crescente aumento no número de pesquisas e publicações tendo esta temática nos últimos dez anos. Porém, quando filtramos esse campo de pesquisa para os estudos voltados especificamente a faixa etária dos 0 aos 3 anos de idade é possível notar um menor interesse de pesquisa, e uma diminuição nos totais de publicações. Prova disso tivemos na análise dos artigos publicados na revista *Zero a Seis/UFSC*, fonte principal de pesquisa deste trabalho, no qual apenas oito dos noventa e oito artigos sobre a Educação Infantil tinham como tema a faixa etária dos 0 a 3 anos de idade.

No primeiro capítulo deste trabalho apresentei com um breve histórico sobre o surgimento das instituições de educação infantil no Brasil e sua função primeira – guardar as crianças enquanto seus familiares não podiam fazê-lo - as famílias buscavam nestas instituições locais onde as crianças estivessem seguras, fossem alimentadas e recebessem cuidados relacionados à sua higiene. Estas instituições, então chamadas de creches, assumiram assim características assistencialistas, não havia nenhuma preocupação com o fazer educativo e pedagógico, com o planejamento das ações e práticas ali adotadas.

Ainda nos dias de hoje as famílias muitas vezes vão a busca deste atendimento ao procurar vagas em creches ou escolas particulares de educação infantil, um local em que seus filhos estejam seguros e sejam cuidados durante o tempo que não podem ficar no seio familiar, e somente isto,

não há uma preocupação com o desenvolvimento, com as práticas educativas, com as áreas de conhecimento a serem exploradas. Assim como trouxeram Fonseca e Veríssimo (2002) acredito que as instituições de Educação Infantil, principalmente as voltadas para o trabalho com a faixa etária de 0 a 3 anos de idade carregam este estigma de atendimento assistencialista. Não há como cobrar dos familiares um discernimento sobre as ações indissociáveis do educar e cuidar, mas o que preocupa é a falta de clareza por parte dos profissionais que atuam com esta faixa etária.

A fim de buscar bases solidadas para corroborar com minhas concepções sobre a Educação Infantil voltada para a faixa etária de 0 a 3 anos de idade, principalmente para o fato de que a Educação Infantil deve atender crianças de 0 a 5 anos de idade, respeitando as especificidades de cada faixa etária, mas sem fragmentar o educar e o cuidar por razão da idade das crianças, e também reconhecer a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, parti no segundo capítulo, para a leitura e análise dos documentos oficiais que regulamentam a Educação Infantil. Na esfera nacional selecionei a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN 9394/96), o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. Na esfera municipal selecionei as Diretrizes Curriculares do Município de Curitiba.

Ao analisar a LDBN 9394/96 verifiquei que esta lei fragmenta por faixa etária os locais onde deverão ser oferecidas a Educação Infantil e não traz a obrigatoriedade do Estado em atender crianças de 0 a 3 anos de idade. Essa obrigatoriedade compreende a faixa etária dos 4 aos 17 anos de idade.

Já o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil do ano de 1998 traz especificidades ao se trabalhar com crianças de 0 a 3 anos de idade, defende as ações de educar e cuidar como indissociáveis e também reconhece a importância do brincar e da brincadeira para o desenvolvimento infantil.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil trazem que as instituições de Educação Infantil devem assegurar a educação de forma integral, compreendendo o cuidar como algo indissociável do processo educativo, e também reconhecem a importância da brincadeira como parte integrante dos objetivos de qualquer proposta pedagógica para educação infantil.

Por fim analisei as Diretrizes Curriculares do Município de Curitiba, e neste documento o entendimento das ações do educar e cuidar como indissociáveis é trazida como uma das bases de sustentação do processo educacional das crianças e o brincar é um dos articuladores do desenvolvimento infantil.

No terceiro capítulo em busca de verificar o que traz a atual produção acadêmica acerca da faixa etária de 0 a 3 anos, me propus a analisar os artigos publicados na revista Zero a Seis/UFSC, e se aparecem e como aparecem as ações do educar e cuidar e brincar nos artigos publicados nesta revista. O resultado desta busca foi descrito no capítulo que antecede estas considerações finais.

Fazendo um balanço final sobre os objetivos iniciais deste trabalho de conclusão de curso, que eram: Verificar se houveram crescimentos nas produções e pesquisas para a faixa etária dos zero aos 3 anos de idade; Analisar se são entendidas e tratadas como indissociáveis as ações do educar e cuidar e do brincar nos artigos da revista Zero a Seis/UFSC e nos documentos nacionais e municipais que regulamentam a Educação Infantil; Discutir e problematizar o atendimento assistencial oferecido nas creches. Acredito que mantive claros estes objetivos durante toda a minha produção, sendo possível agora algumas conclusões.

No que se refere ao crescimento das produções acadêmicas tendo como tema a Educação Infantil de 0 a 3 anos de idade concluo que houve aumento, porém foram modestos. Ao observar o quadro 1 deste trabalho é possível verificar que ao longo dos 10 anos de produção observados, aumentaram as publicações na área da Educação Infantil, porém quando olhamos para a coluna das produções sobre os 0 a 3 anos de idade este crescimento não foi proporcional. Dos noventa e oito artigos publicados no período analisado, apenas oito envolveram a temática dos zero a três anos de idade.

Já sobre o “educar e cuidar” e o brincar foi gratificante observar que a maioria dos artigos faziam menção ou discutiam pelo menos um destes dois temas, mais especificamente cinco dos oito artigos. Também foi animador verificar como estes temas estão presentes nos documentos oficiais, exceto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, os demais documentos corroboram com o ideal de se trabalhar de forma indissociável o

educar e o cuidar, bem como reconhecem e defendem a importância do brincar para o desenvolvimento das crianças.

E finalmente sobre o atendimento assistencial oferecido nas creches, também a maioria dos artigos trouxeram este tema, em cinco dos oito arquivos este foi um tema discutido. Foi interessante verificar que na maioria das vezes em que ou autores se propuseram a discutir algum aspecto da organização da Educação Infantil de hoje, trouxeram esse recorte histórico, voltando às origens da função da creche e problematizando o atendimento assistencial por ora oferecido.

Ao final deste trabalho ficam alguns questionamentos: Existe alguma relação entre o ainda tímido interesse em se pesquisar o tema da Educação Infantil de 0 a 3 anos de idade e as origens assistencialistas do atendimento oferecido para esta faixa etária nas creches e instituições de ensino? Os profissionais que trabalham com a Educação Infantil entendem o educar e cuidar como ações indissociáveis durante toda a educação infantil?

Acredito que conforme as pesquisas e o interesse pela Educação Infantil de zero a três anos de idade aumentem as respostas para algumas dessas questões serão desenhadas. Expresso também aqui a minha intenção particular de pesquisar mais a fundo a Educação Infantil de zero a três anos em uma pesquisa de mestrado, focando especificamente no trabalho desenvolvido com estas crianças dentro das creches e instituições de educação infantil. Será que realmente as ações do educar e cuidar são entendidas e tratadas como indissociáveis? As especificidades desta faixa etária são respeitadas pelos educadores e professores que atuam com estas crianças? As orientações e encaminhamentos trazidos nos documentos legais estão sendo seguidos? São algumas das questões que me instigam a continuar pesquisando, aprendendo, trabalhando e me apaixonando mais e mais pelas crianças bem pequenas.

6. REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Maristela et al. **Educação e desenvolvimento integral da criança na primeira infância: o campo das responsabilidades**. Rev Zero a Seis UFSC 2013; Vol. 15. n. 28. p. 85 - 90.

ANTUNES, Celso. **Educação Infantil: prioridade imprescindível**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil/Ministério da Educação e do Desporto**, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.famasul.edu.br/2015/arquivos_pdf/106.pdf> Acesso em 14/07/2016.

BUSS-SIMÃO, Márcia et al. Experimentando a docência com bebês no estágio supervisionado: organizando espaços, brincadeiras e interações. **Rev Zero a Seis**, UFSC 2014; Vol. 16. n. 30. p. 290 - 303.

CASTELLI, Carolina M.; MOTA, Maria R. A. A complexidade de ser bebê: reflexões acerca de sua visibilidade nas creches e nas pesquisas. **Rev Zero a Seis** UFSC 2013; Vol. 15. n. 28. p. 46 - 65.

CERISARA, Ana Beatriz. Educar e cuidar, por onde anda a educação infantil. **Perspectiva**. Volume 17, n. Especial. Florianópolis, p. 11 - 21, jul./dez. 1999.

CONCEIÇÃO, Sonia; DIAS, Isabel Simões. O objeto de transição: um estudo em contexto de creche. **Rev Zero a Seis UFSC** 2014; Vol. 16. n. 30. p. 203 - 216.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. O estudo das relações sociais dos bebês na creche: uma abordagem interdisciplinar. **Rev Zero a Seis UFSC** 2009; Vol. 11. n. 19. p. 17-25.

CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba**. Curitiba, 2006, volume 2 (Educação Infantil).

CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Municipais da Educação Infantil: caderno de estudos**. Curitiba, 2015.

Dicionário Dicio on-line. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/assistencialismo/>. Acesso em 29/11/2015.

FONSECA, Rosa Maria G S da; VERISSIMO, Maria de La O R. Funções da creche segundo suas trabalhadoras: situando o cuidado da criança no contexto educativo. **Rev Esc Enferm USP** 2003; 37 (2): 25-34.

MICHELLI, Claudia Regina Pinto. A criança na creche e o seu remanejamento. **Rev Zero a Seis UFSC** 2007; Vol. 09. n.16. p.1-31.

OLIVEIRA, Zilda et al. **Creches: Crianças, faz de conta e Cia**. Petrópolis: Vozes,1992. p. 17 – 22.

_____ et al. **O trabalho do professor na educação infantil**. São Paulo: Biruta, 2014.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: _____. (org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p. 175-199.

PERELLA, Cileda S. S.; SILVA, Eliane G. A gestão da pedagogia do bem estar: apontamentos da política da creche de parma-italia. **Rev Zero a Seis UFSC** 2013; Vol. 15. n. 28. p. 66 - 84.

RAMADAN, Ana Maria R. C. G. et al. Construindo e registrando o cotidiano na creche. **Rev Zero a Seis UFSC** 2009; Vol. 11. n. 20. p. 11- 24.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **“Mas eu não falo a língua deles!”: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil**. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.